

Além de resgate histórico, o afroturismo também tem foco em valorização cultural. Tânia Neres anunciou iniciativas para ampliar o mercado e a interação sobretudo com a África e os Estados Unidos. “Os Estados Unidos são o nosso mercado potencial. Os americanos negros gastaram US\$ 109 bilhões em turismo, nesse grande interesse que eles têm por reconexões ancestrais”, disse.

Segundo a Diáspora.Black, plataforma digital de promoção do afroturismo, 85% das iniciativas são lideradas por mulheres e 35% registradas como microempreendedor individual (MEI). Porém, a falta de políticas públicas, de investimentos e de infraestrutura ainda são determinantes para o baixo faturamento: 48% indicaram renda de apenas mil reais por mês com afroturismo.

A coordenadora de articulação interfederativa do Ministério da Igualdade Racial, Melina de Lima, apresentou o Programa Rotas Negras, que busca desenvolver “circuitos afrocêntricos” em 188 municípios. “É importante entender que o afroturismo é feito por nós, pessoas pretas. Ter essa história recontada por nós e ressaltando a beleza, a realeza e a potência do povo negro é o melhor caminho para preservar a nossa própria história”.

O Ministério do Turismo informou que o tema também está presente em projetos específicos, como Experiências do Brasil Original, cujo objetivo é ampliar e diversificar a oferta turística brasileira por meio do desenvolvimento de experiências turísticas memoráveis ofertadas por povos indígenas e comunidades quilombolas em seus territórios.

Competitividade

O projeto visa, ainda, fortalecer o mercado turístico interno e o turismo de base comunitária, para que roteiros turísticos que envolvam povos indígenas e comunidades quilombolas passem a compor a oferta competitiva e inovadora de produtos e serviços turísticos do Brasil, além de garantir visibilidade à sociobiodiversidade brasileira, com a valorização das culturas e das tradições e o fomento a fontes alternativas de renda. A meta é garantir apoio e capacitação de integrantes dos povos indígenas e comunidades quilombolas brasileiras para a criação e o aprimoramento de

Daniel Noble/Divulgação



Turista posa para foto diante de grafites com figuras de personagens pretos no viaduto da Galeria dos Estados, em Brasília

Arquivo Pessoal



experiências turísticas que sejam aptas à comercialização.

A empresária brasileira Bianca D'Aya apostou todas as suas fichas nessa nova modalidade. No final do ano passado, ela criou a agência de turismo Me Leva Cerrado e, em parceria com a plataforma de afroturismo Guia Negro, lançou o tour Brasília Negra, que leva as pessoas a conhecerem mais a fundo personagens, lugares e histórias com protagonismo negro, lançando um novo olhar

sobre a história da capital federal. O roteiro, com três horas de duração, abrange a Praça dos Orixás, às margens do Lago Paranoá, ao lado da Ponte Honestino Guimarães, o Museu Vivo da Memória Candanga, o Congresso Nacional e baobás — árvore de grande porte, proveniente das estepes africanas — espalhados pela cidade.

D'Aya considera o afroturismo uma vertente do segmento do turismo cultural. “É um contar de histórias que não estão



Quanto mais pessoas se identificam, se dispõem a conhecer a história, melhor. É muito importante que esse movimento ocorra, que haja mais empresas atuando no segmento”

Bianca D'Aya,
criadora do tour Brasília Negra

nos livros, uma modalidade que tem como principal foco valorizar o patrimônio material e imaterial da cidade, que proporciona visibilidade e resgate”, diz, completando que, além dos pontos turísticos, os passeios também envolvem gastronomia e cultura, com foco especial no artesanato. “Tudo isso faz com que a cadeia do turismo gire em torno da negritude.”

A agência de D'Aya integra uma rede de operadoras de afroturismo no Brasil, que reúne

mais de 50 empresas. A meta, segundo ela, é alinhar ainda mais agências no processo. “Quanto mais pessoas se identificam, se dispõem a conhecer a história, melhor. É muito importante que esse movimento ocorra, que haja mais empresas atuando no segmento”, afirma.

A meta, adianta proponente do Guia Afetivo Negro do Distrito Federal, projeto que busca difundir a representatividade e facilitar o acesso a serviços que fortaleçam a identidade negra, é levar o tour Brasília Negra às escolas do Distrito Federal, como forma de despertar nos estudantes dos ensinos fundamental e médio o sentimento de pertencimento.

D'Aya aponta como base para essa nova empreitada a Lei 10.639/03, que obriga as escolas de ensino fundamental e médio a incluírem em suas grades curriculares história e cultura afro-brasileira. “É um tour que abraça a todos, que enaltece, por meio de uma experiência única e inovadora, as histórias das pessoas que acabaram sendo invisibilizadas pelo racismo, valorizando a resistência e resiliência do povo negro no DF”, salienta. (com informações da Agência Câmara)